

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO



CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

FIL 2650

Questões de Filosofia Moderna
(Hans Blumenberg: Passagens)

OBS: O Curso será oferecido simultaneamente ao Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional, com o título de “Tópico Especial em Teoria Política” JUR 2536

PERÍODO- 2021.1

CARGA HORÁRIA TOTAL: 45 HORAS

CRÉDITOS: 3

Horário
3ª feira
9:00-12:00

PROF.: Renato Lessa

OBJETIVOS

Trata-se de uma aproximação à filosofia de Hans Blumenberg, uma das mais fecundas do século XX, tomando como pontos de acesso os seguintes aspectos: antropologia, experiência do mundo, modernidade e modos da simbolização (mitos, metaforologia e não-conceitualidade). A ideia de “passagens” encobre a intenção de considerar alguns dos elementos formadores da perspectiva “blumenberguiana”, assim como de alguns de seus efeitos de fertilização.

EMENTA

A filósofa francesa Sylvia Giocanti, autora de livros importantes e inovadores para o entendimento do ceticismo moderno*, em sua obra mais recente (*Scepticisme et Inquiétude*, 2018), ultrapassa as fronteiras temporais usualmente obedecidas pelos estudiosos daquela corrente filosófica. Na trilha estabelecida por Richard Popkin, nos anos 1960, a investigação filosófico-histórica a respeito do ceticismo moderno tomou como um de seus limites temporais o século XVIII, a sugerir de modo involuntário que, se ceticismo houver nos séculos seguintes, a linguagem e as questões dos modernos nele parecem não ter abrigo. Ao mesmo tempo em que desfaz em sua interpretação a dependência dos modernos com relação às fórmulas dos cétricos antigos, Giocanti indica a presença de nexos fortes entre maneiras de pensar praticadas por pensadores cétricos modernos e autores contemporâneos. Hans Blumenberg, em sua análise, merece destaque como praticante de uma forma filosófica não-dogmática e atenta ao papel da variedade dos modos de simbolização e invenção de mundos como atributos centrais da experiência humana. Nesse último aspecto, sua reflexão – embora com enquadramento e linguagem distintos – pode ser aproximada à perspectiva desenvolvida por Nelson Goodman, a respeito dos “modos de fazer mundos”.

Não se trata de “demonstrar” a pertença de Blumenberg à tradição cétrica, mas de tão somente sugerir que, em sua relação com o ceticismo, o filósofo alemão procede à uma “ocupação” – termo central em sua filosofia da história das ideias – de questões postas pelo ceticismo, para

| | |
|----------------------------------|---|
| | <p>transportá-lo para fora de seus tempos originários, por meio de ênfases e jogos de linguagem por ele desenvolvidos.</p> <p>Blumenberg, em um movimento duplo e convergente, parte da afirmação da importância das metáforas como configuradoras da experiência humana e de uma re-valorização construtiva da modernidade, como passagens para reflexões sobre a condição humana, o mundo da vida, o “absolutismo da realidade”, o papel dos conceitos e da teoria e da questão da não-conceitualidade.</p> <p>Em uma de suas obras seminais – <i>A Legitimidade da Idade Moderna</i>, de 1966 – Blumenberg, a partir da crítica às teorias da secularização, notadamente a Karl Lowith e a Carl Schmitt, requalifica a discussão a respeito da modernidade. A leitura de seus argumentos parece-me mais do que apropriada em tempos de destruição regressiva.</p> <p>* A saber: <i>Penser l’Irrésolution: Montaigne, La Mothe Le Vayer, Pascal</i> (Paris: Honoré Champion, 2000) e <i>Scepticisme et Inquiétude</i> (Paris: Hermann, 2018).</p> |
| AVALIAÇÃO | Trabalho Final |
| BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL | <p>A bibliografia principal inclui apenas obras de Hans Blumenberg e será composta a partir de seleção de textos dos seguintes livros:</p> <p>Hans Blumenberg, <i>Descripción del Ser Humano</i>, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2011 (2006, edição alemã póstuma).</p> <p>Hans Blumenberg, <i>Teoría del Mundo de la Vida</i>, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2013 (2010, edição alemã póstuma).</p> <p>Hans Blumenberg, <i>The Legitimacy of the Modern Age</i>, Cambridge, MA: The MIT Press, 1985 (1966).</p> <p>Hans Blumenberg, <i>Paradigms for a Metaphorology</i>, Ithaca, NY: Cornell University Press, 2011 (1960).</p> <p>Hans Blumenberg, <i>Work on Myth</i>, Cambridge, MA: The MIT Press, 1988 (1979).</p> <p>Hans Blumenberg, <i>Naufração com Espectador</i>, Lisboa: Vega, sd (1979).</p> <p>Hans Blumenberg, <i>Teoria da não-conceitualidade</i>. Tradução de Luiz Costa Lima. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.</p> <p>Hans Blumenberg, <i>O Riso da Mulher da Trácia: uma pré-história da teoria</i>, Lisboa: DIFEL, 1994 (1987).</p> |
| BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR | <p>David Adams, “Metaphors for Mankind: The Development of Hans’s Blumenberg’s Anthropological Metaphorology”. <i>JOURNAL OF THE HISTORY OF IDEAS</i>, Vol. 52. No. 1, (Jan-Mar., 1991), pp. 152-166.</p> <p>Tobias Keiling, “The pleasure of the non-conceptual: theory, leisure and happiness in Hans Blumenberg’s philosophical anthropology”. <i>NORTHERN EUROPEAN JOURNAL OF PHILOSOPHY</i>, 17(1), pp. 81-113, 2016.</p> <p>Patricia Lavelle, “Perspectivas para uma metaforologia da antropofagia: Blumenberg, Montaigne e Oswald de Andrade”. <i>ALETRIA</i>, Belo Horizonte, v. 29. N. 3, pp. 133-149, 2019.</p> <p>Robert Savage, “Translator’s Afterword”, In: Hans Blumenberg, <i>Paradigms for a Metaphorology</i>, op. cit..</p> |

Denis Trinweller, *Hans Blumenberg: Anthropologie Philosophique*, Paris: PUF, 2010.

Vários, “Blumenberg: Les Origines de la Modernité”. *RÉVUE DE MÉTAPHYSIQUE ET MORALE* 2012/1 (73). Número dedicado à filosofia de Hans Blumenberg, editado por Thierry Gontier.

Kirk Wetters, “Working Over Philosophy: Hans Blumenberg’s Reformulations of the Absolute”. *TELOS* 158 (Spring 20120, pp). 100-118.

Bernard Yack, “Myth and Modernity: Hans Blumenberg’s Reconstruction of Modern Theory”. *POLITICAL THEORY*, Vol. 15. No. 2 (May, 1987), pp. 244-261.

Obs: altamente recomendáveis, as Introduções a *The Legitimacy of the Modern Age* e *Work on Myth*, elaboradas por seu tradutor norte-americano Robert Wallace.